

# CESARE PAVESE : «A VINHA»

(Tradução de Rita Ciotta Neves)

## A VINHA

Uma vinha que sobe pela encosta de uma colina até se esculpir no céu, é uma vista familiar, embora as cortinas das fileiras simples e profundas apareçam como uma porta mágica. Por baixo das videiras está uma terra vermelha e cavada, as folhas escondem tesouros, e para além das folhas está o céu. É um céu sempre doce e maduro, onde não faltam – elas também tesouro e vinha – as nuvens cheias de Setembro. Tudo isto é familiar, e remoto – infantil, em poucas palavras, mas faz sempre estremecer, quase como se fosse um mundo.

A visão acompanha-se à suspeita que estes só sejam os bastidores de uma cena fabulosa à espera de um evento que nem a recordação nem a fantasia conhecem. Alguma coisa de inaudito aconteceu ou acontecerá neste teatro. Basta pensar nas horas da noite, ou do crepúsculo, quando a vinha desaparece dos nossos olhos e sabemos que se alonga sob o céu, sempre igual e abrigada. Dir-se-ia que nunca foi pisada por alguém e no entanto há quem a trabalhe vide a vide e na vindima é toda alegre de vozes e de passos. Mas depois vão-se embora, e é como um quarto em que há muito tempo não entra ninguém e onde a janela está aberta para o céu. O dia e a noite aí são reis; às vezes está fresco e encoberto – é a chuva –, nada muda no quarto, e o tempo não passa. Nem sequer na vinha o tempo passa; e a sua estação é Setembro e regressa sempre, e aparece eterna. Só um rapaz realmente a conhece; passaram os anos, mas em frente da vinha o homem adulto que a contempla reencontra o rapaz. A suspeita do que deve – que é devido – acontecer, guarda-a igual e ressuscita a recordação da infância. Mas nada verdadeiramente aconteceu e o rapaz não sabia que esperava o que agora foge também à memória. E o que não aconteceu no início, nunca mais pode acontecer.

Ou terá sido talvez mesmo aquela imobilidade a encantar a vinha. Um caminho atravessa-a para cima, dividindo as fileiras e recortando uma porta no céu tão perto. O rapaz subia por estes caminhos, subia e não pensava em recordar; não sabia que o instante duraria como um gérmen e que uma ânsia de o agarrar e o conhecer a fundo, no futuro o dilataria além do tempo. Talvez este instante fosse feito de nada, mas mesmo nisso estava o seu futuro. Um simples e profundo nada, não lembrado porque não valia a pena, alongado pelos dias e depois perdido, reaparece no caminho, na vinha, e descobre-se infantil além das coisas e do tempo, como era então, quando para o rapaz o tempo não existia. E então algo verdadeiramente aconteceu. Aconteceu há um instante, é o próprio instante: o homem e o rapaz encontram-se e sabem e dizem um ao outro que o tempo se esfumou.

O homem sabe disso contemplando a vinha. E todo o acumular-se, a lenta riqueza de qualquer lembrança, não é nada perante a certeza deste êxtase imemorável. Existem céus e plantas, e estações e regressos, reencontros e doçuras, mas este é só o passado que a vida plasma de novo como jogos de nuvens. A vinha é feita também disto, um mel da

alma, e algo no seu horizonte abre plausíveis vistas de nostalgia e de esperança. Insólitos eventos, suscitados só pela fantasia, aí podem acontecer, mas não o evento que origina todos os outros e que todos elimina: o desaparecimento do tempo. Isto não acontece, é; ou antes é a própria vinha.

À frente do caminho que sobe no horizonte, o homem não volta a ser rapaz: é rapaz. Por um momento, em que consegue abafar qualquer lembrança, encontra nos seus olhos a vinha imóvel, instintiva, imutável, como sempre soube que tinha no coração. E nada acontece, porque nada pode acontecer que seja maior daquela presença. Nem é preciso parar a frente da vinha e reconhecer os seus traços familiares e inauditos. Basta o instante do encontro e já o rapaz e o homem adulto têm começado o seu diálogo que, na riqueza dos dias, desde o início não muda.